# HÁ ESPAÇO PARA AS MULHERES NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU? REFLEXÕES DE ALUNAS DE UM CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

## IS THERE SPACE FOR WOMEN IN STRICTO-SENSU POSTGRADUATE COURSES? STUDENT REFLECTIONS FROM A DOCTORATE COURSE IN EDUCATION

Giovana Maria Belém Falcão [*]
giovana.falcao@uece.br

Marta Suiane Barbosa Machado Gomes [**]
suianebmachado@yahoo.com.br

RESUMO: Considera-se que as mulheres enfrentam desafios específicos para o ingresso e permanência na Pós-Graduação Stricto Sensu, tendo em vista a sobrecarga que vivenciam na conciliação de papéis, afinal, a estas estudantes impõe-se a necessidade de desempenhar atividades acadêmicas e profissionais, que se unem às responsabilidades com a família e com os filhos. As reflexões apresentadas neste estudo são tecidas por alunas do Curso de Doutorado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará, que ingressaram no ano de 2024. A pesquisa tem abordagem qualitativa e os instrumentos que foram utilizados para a elaboração dos dados foram questionário e a redação de um texto reflexivo. Os resultados evidenciam que as mulheres investigadas encaram os estudos como um ato de resistência, frente a desigualdade de sua condição e que o espaço na pós-graduação é conquistado à custa de muito esforço para cumprimento com as exigências do Programa do qual fazem parte, que é, ainda, muito incipiente na promoção de uma política de equidade para as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Graduação; Mulheres; Equidade.

ABSTRACT: Women face specific challenges in entering and continuing in Stricto Sensu graduate programs, given the burden they experience in balancing roles. These students are required to perform academic and professional activities, combined with responsibilities for family and children. The reflections presented in this study are woven by students in the Academic Doctorate Program in Education at the State University of Ceará, who entered the program in 2024. The research uses a qualitative approach, and the instruments used for data collection were a questionnaire and a reflective essay. The results show that the women studied view their studies as an act of resistance, given the inequality of their condition, and that their place in graduate programs is earned through considerable effort to meet the requirements of the program they participate in, which is still very incipient in promoting a policy of equality for women.

KEYWORDS: Postgraduate studies; Women; Equity.

## *A predominância feminina na Pós-Graduação e os bastidores desta realidade*

> Com frequência, o que envolve a pesquisa de uma mulher sobre uma outra vida feminina é a vontade ou a necessidade de buscar pontos de referência para uma autodefinição não mais fundada no modelo patriarcal, mas sobre as experiências reais das mulheres. Isto implica na busca de uma outra verdade sobre si mesmas, diversa daquela que serviu para a naturalização da opressão. (Soihet, 2003, p. 14).

[*] Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará no curso de Pedagogia do Centro de Educação.

[**] Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).



Recebido em 15 de agosto de 2025
Aprovado em 04 de outubro de 2025

O presente artigo[1] tem por objetivo discutir a presença das mulheres na Pós-Graduação Stricto Sensu, a partir dos desafios que enfrentam, historicamente, na conciliação das atividades familiares, acadêmicas e profissionais.

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) dos 407 mil alunos de mestrado e doutorado no Brasil, 224 mil são mulheres. (MEC, 2024). Elas representam uma maioria significativa, totalizando 55% dos matriculados em cursos de pós-graduação stricto sensu.

A produção acadêmica destas mulheres também é notável, pois, de acordo com a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 72% dos textos publicados no País têm autoria feminina. (MEC, 2024).

Embora os dados censitários acima relatados evidenciem a predominância feminina na pós-graduação, pouco se fala da desigualdade de condições que estas estudantes enfrentam até alcançarem uma vaga de Mestrado ou Doutorado, tendo em vista que os processos seletivos costumam ser bastante concorridos, o que requer uma adequada preparação. Se o ingresso das mulheres na Pós-Graduação não é algo simples, menos ainda sua permanência, porque estas alunas encontram-se em uma fase da vida em que é comum já ter constituído família e precisar conciliar as atividades domésticas, acadêmicas e profissionais, restando pouco tempo e disposição para enfrentar as exigências que os estudos em um caráter avançado requerem.

Os dados que comprovam que as mulheres são maior número nos programas de Pós-Graduação brasileira servem*,* ainda*,* para evidenciar sua força e capacidade, pois embora vivenciem um contexto bastante adverso, prosseguem sua busca por qualificação acadêmica e profissional.

Destaca-se que não somente o acesso à Pós-Graduação configura-se um desafio para as mulheres, mas, sobretudo, a permanência neste contexto, tendo em vista a rotina exigente de um Curso na modalidade Stricto Sensu, que requer um alto desempenho acadêmico e ampla produtividade.

[1] A doutoranda, uma das autoras deste artigo, é Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), portanto, conta com o financiamento da instituição, que desenvolve ações de apoio à pesquisa.

Por ora nos alegramos e reconhecemos as conquistas alcançadas pelas mulheres por meio da luta que empreenderam no decorrer da história, por reconhecimento e oportunidades. Por outro lado, destacamos que a mulher, estudante da Pós-Graduação Stricto Sensu enfrenta uma jornada exaustiva, pois além das atividades acadêmicas, precisa assumir, quase sempre, as atividades profissionais.

Quando esta estudante é casada, somam-se a estas, as atribuições de esposa e mãe. Às mulheres que são mães-solo esta jornada possui aspectos ainda mais desafiadores, pela falta de ter com quem compartilhar a responsabilidade de educação e cuidado da prole.

Entende-se que a maternidade é uma atividade complexa e que, quando precisa ser conciliada com as atividades acadêmicas e profissionais, torna-se ainda mais desafiadora pois coloca as mães, sobretudo as que não contam com rede de apoio, em situações de estafa e por vezes, adoecimento.

Se a Maternidade possui as exigências que lhe são próprias, como a disposição de tempo, saúde física e emocional, que requer o cuidado e a educação dos filhos, sejam eles pequenos ou adolescentes, a Pós-Graduação Stricto Sensu, por sua vez, é um espaço que muito se deseja alcançar, mas que é permeado de outras exigências específicas, estas relacionadas, como outrora descrito, ao elevado desempenho acadêmico, alta demanda por produtividade e cumprimento de prazos que costumam ser bastante reduzidos, o que leva muitos estudantes ao adoecimento, como atestam os estudos de (BOCARDI, 2020; FERRO, 2024; PEIXOTO et al, 2025 )

Não se pode negligenciar que as mulheres que estão hoje na Universidade na função de discentes, seja na Graduação e principalmente as que estão na Pós-Graduação, não estudam de forma exclusiva, mas encontram-se em uma etapa da vida em que já estão inseridas no mercado de trabalho e/ou já constituíram família, o que quer dizer, que os desafios enfrentados no aspecto familiar, sobretudo quando já se tem filhos, unem-se aos desafios profissionais e aqueles que são próprios de um pós-graduando, tornando a vida destas mulheres árdua e com dificuldades que não podem ser invisibilizadas.

Propomos a discussão sobre aspectos relacionados à dificuldade de acesso à Pós-Graduação por mulheres e os desafios enfrentados por aquelas que conseguem acessar este espaço de disputa, mas que nem sempre conseguem vivenciar esta experiência de formação

com a dedicação que o estudo em caráter de pós-graduação requer, pela multiplicidade de papéis que precisa assumir.

*Percurso histórico da inserção feminina na Pós-Graduação*

A história das mulheres é marcada pela exclusão dos contextos acadêmicos e profissionais. A sociedade brasileira, marcadamente patriarcal, destinou às mulheres as funções de menor relevância e prestígio social, assim, a associação do gênero feminino ao cuidado dos filhos e atividades domésticas foi colocando as mulheres à margem da Universidade.

Se hoje as mulheres são maior número na academia, esta não foi uma conquista alcançada sem esforço, ao contrário, a atual realidade de predominância feminina, sobretudo na Pós-Graduação, demarca um processo de lutas, de reconhecimento à capacidade feminina e de um esforço por parte destas mulheres, por uma justa reparação histórica, concretizada, por exemplo, por meio da política de cotas, o que já é uma realidade em algumas instituições, como atestam os estudos de (Silva, 2024).

Se, por um lado, enaltecemos as conquistas alcançadas, referentes ao acesso das mulheres aos patamares mais elevados de formação, destacamos uma realidade bastante cruel, o "efeito tesoura", explicado em uma reportagem divulgada no Jornal da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em março de 2023. (Jornal Da Unesp, 2023)

O "efeito tesoura" é relativo ao fato de que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência nas universidades. A reportagem explica que o "efeito tesoura" limita a ascensão das mulheres aos postos mais elevados da estrutura acadêmica e que as avaliações curriculares para seleção de docentes desconsideram as barreiras impostas pela desigualdade de gênero, como o assédio e a parentalidade. Este assunto foi, inclusive, tema central das discussões do seminário "Mulheres na Ciência e Tecnologia: Repensando Gênero e Ciência", promovido em 6 de fevereiro de 2023 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Garcia (1999) já refletia sobre a problemática da parentalidade, a partir da Teoria do Ciclo Vital dos Professores, que estabelece relações entre as idades e as características pessoais e profissionais dos professores em cada fase. Conforme esta teoria os professores que estão na terceira fase do ciclo vital, correspondente à faixa etária dos 30 e 40 anos,

vivenciam grande capacidade física, intelectual e confiança em si mesmo, em contrapartida, esta fase traz uma grande contradição, especialmente para as mulheres, devido à tensão provocada pela maternidade e atenção aos filhos, pois se por um lado a maternidade proporciona um maior sentimento de dedicação pessoal e compreensão pelos alunos, por outro lado traz consigo desafios para o exercício profissional.

Sobre isto Garcia (1999) explica em um trecho longo, mas muito elucidativo que:

> [...] do mesmo modo que para muitos professores o estar casado e ter filhos era valorizado positivamente, outros professores referiam que estes fatores tinham tido uma influência negativa, especialmente no caso das professoras que eram mães. Assim, estes autores destacam que "os professores disseram que se sentiam frustrados, cansados e culpados ao tentarem ser simultaneamente pais e professores. Quando a situação se tornava especialmente conflituosa, o papel que normalmente predominava era o de pai e as necessidades dos seus filhos tinham prioridade sobre as dos seus alunos. O facto de nenhum professor homem referir que a sua paternidade tinha tido um impacto negativo no seu ensino é provavelmente um indicador da responsabilidade desproporcionalmente grande pela atenção aos filhos atribuída às mulheres na nossa cultura. (GARCIA, 1999, p. 63).

Não é comum que homens abdiquem de suas carreiras em prol do cuidado dos filhos, pois são culturalmente e historicamente associados ao papel de provedor, já esta é uma realidade comum a muitas mulheres. Não são poucas as que relatam terem iniciado ou retomado os estudos após a criação dos filhos, ou aquelas, que por não terem uma rede de apoio, abdicam do trabalho fora de casa, pela necessidade de maior dedicação à família.

Alguns programas de pós-graduação têm, em reconhecimento às dificuldades específicas para o ingresso de mulheres na Pós-Graduação Stricto Senso, promovido uma política de cotas que visa promover a igualdade de gênero e aumentar a participação feminina em áreas onde elas são historicamente marginalizadas, a exemplo da Universidade de São Carlos (UFSCar), cujo edital para ingresso no Doutorado prevê acréscimo de notas bônus sobre as médias finais para mulheres negras, indígenas, com deficiência e na condição de refugiadas, solicitantes de refúgio ou beneficiárias de políticas humanitárias do Estado brasileiro. (Silva, 2024).

Infelizmente esta ainda não é uma realidade presente em todos os programas de Pós-Graduação do Brasil, mas deseja-se que as experiências, ainda isoladas, sirvam de exemplo e fortaleçam esta política nacionalmente. Não apenas o ingresso, mas a permanência das mulheres na Pós-Graduação Stricto Sensu tem sido objeto de preocupação para algumas

instituições de Ensino Superior. Como exemplo cita-se a Universidade Federal do Maranhão que anunciou recentemente novas bolsas de mestrado e doutorado com foco em ações afirmativas e permanência de mulheres em vulnerabilidade na pós-graduação. (AGEUFMA, 2025).

A mencionada chamada interna representa um esforço institucional para reforçar as políticas de ações afirmativas e confere aos grupos historicamente sub-representados uma reparação histórica a ser copiada Brasil afora.

Tendo sido realizadas estas reflexões acerca do percurso histórico da inserção feminina na Pós-graduação, dá-se continuidade ao texto com algumas considerações sobre a metodologia adotada nesta investigação.

*Considerações sobre a metodologia da investigação*

O estudo aqui apresentado discute a presença das mulheres na Pós-Graduação Stricto Sensu, a partir dos desafios que enfrentam, historicamente, na conciliação das atividades familiares, acadêmicas e profissionais. A fim de cumprir com este intuito, dá-se evidência às estudantes de Doutorado da Universidade Estadual do Ceará, ingressantes do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE) no ano de 2024.

A pesquisa é qualitativa e tem caráter autobiográfico, pois retrata a experiência pessoal da pesquisadora que é aluna da Pós-Graduação, profissional, esposa e mãe, ao mesmo tempo que ouviu mulheres que compartilham desta mesma experiência, ou de experiências semelhantes. Consideramos a biografia de mulheres e, neste caso, a autobiografia como um instrumento de ascensão e visibilidade feminina, coerente com a proposta deste estudo, que declara a importância social das mulheres.

Sobre a biografia de mulheres, a partir da ótica das historiadoras feministas, Soihet (2003) declara que:

> Em contraposição a uma análise da realidade social que exclui, marginaliza ou interpreta equivocadamente as experiências femininas, as historiadoras feministas propuseram uma conduta que considerasse a categoria de "gênero" como elemento central para a construção das relações sociais. Tal conduta implicaria numa problemática que situe as vidas individuais das mulheres no seu centro, com vista ao conhecimento da sua vida cotidiana, bem como percepção da vivência dos acontecimentos pelas mulheres. Este procedimento resultou no grande número de abordagens biográficas na pesquisa feminista ou sobre as mulheres: pesquisas baseadas em histórias de vida, predileção por fontes autobiográficas e literatura pessoal, além de biografias históricas de mulheres. (Soihet, 2003, p. 9)

A autora nos explica, ainda, sobre a crítica à conduta adotada por alguns pesquisadores que consideram as mulheres como objeto científico de observação e de manipulação. É preciso, e é isto que defendemos, que às mulheres seja assegurado o direito de falarem por si mesmas sobre o que as afeta, e este direito buscamos assegurar integralmente nesta investigação, como princípio ético do estudo.

Desta forma a pesquisadora propôs a si mesma e às suas seis[2] colegas de turma a escrita de um texto reflexivo sobre o significado que estas mulheres atribuíam ao fato de serem mulheres e estudantes de Pós-Graduação Stricto-Sensu, pedindo que destacassem os desafios que encontravam na conciliação de suas atividades familiares, acadêmicas e profissionais.

Após a devolução dos textos, elaborados pelas estudantes, foram selecionados três escritos para composição deste artigo, escolhidos por trazerem elementos bastante representativos da realidade vivenciada pelas demais alunas de Doutorado da mesma turma e, pode-se dizer com segurança que, da mesma instituição.

Em seguida foi aplicado um questionário para coleta de informações complementares, acerca da idade, formação e contexto de vida das escribas selecionadas. As respostas serviram para elaboração do preâmbulo que antecede os registros destas estudantes.

A fim de preservar a identidade das participantes da pesquisa seus nomes foram substituídos por nomes de mulheres cientistas, que tiveram importante papel na História. A contribuição destas cientistas será apresentada no decorrer do texto, em notas de rodapé. A escolha por esta substituição se deu como uma forma de honrar a memória destas valorosas intelectuais e como uma homenagem às estudantes que colaboraram com seus relatos, a fim de enaltecer a importância destas mulheres, que nos tempos atuais, também dão sua contribuição à Ciência.

Da mesma forma procedeu-se com o anonimato em relação ao primeiro texto, escrito pela própria pesquisadora, a fim de cumprir com a exigência de não identificação nominal de

[2] A pesquisadora compõe uma turma de Doutorado composta por 21 estudantes, dos quais apenas sete, contando consigo, são mulheres. Esta realidade é divergente da retratada por meio dos dados censitários da CAPES, apresentados na Introdução deste artigo e que constatam que as mulheres são maioria nos Programas de Pós-Graduação do Brasil. O fato de pertencer a um grupo minoritário na Pós-Graduação foi um dos elementos motivadores do estudo.

autoria, neste artigo. Como outrora descrito, algumas informações relevantes sobre o perfil destas mulheres estão descritas no preâmbulo que antecede cada texto.

Optou-se pela transcrição integral das três reflexões, a da própria pesquisadora e de duas colegas de turma. Considera-se que a leitura integral destes relatos é mais interessante do que se eles fossem entrecortados com comentários da pesquisadora, portanto será apresentado, inicialmente, o registro feito pela própria pesquisadora, cuja análise é concedida ao prezado leitor e a apreciação acerca do relato trazido por suas colegas será realizado somente a posteriori, em seções específicas intituladas "*Apreciação do texto 2*" e "*Apreciação do texto 3*", respectivamente.

*Relatos sobre o significado de ser mulher, estudante de Pós-Graduação*

*Preâmbulo ao texto 1*

Marie Curie[3] tem 36 anos, é graduada em Pedagogia, possui Especialização em Docência do Ensino Superior e Docência na Educação Infantil. É Mestre em Educação e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. É professora da Rede Pública Municipal de Fortaleza desde 2010. É casada e possui dois filhos, um menino de três anos e um bebê de três meses.

*Texto 1*

Me chamo Marie Curie. Nasci no dia 11 de fevereiro, o mesmo dia em que a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) declarou como sendo o Dia Internacional da Mulher e das Meninas na Ciência.

Ao escrever este relato me veio a memória um professor que tive durante o Ensino Fundamental, sujeito machista e misógino[4], que não perdia uma oportunidade de desmerecer suas alunas. Fosse nos tempos atuais, seu perfil seria claramente o do típico "cidadão de bem",

[3] Marie Curie (1867-1934) é considerada a mãe da Física Moderna, é mundialmente conhecida por sua pesquisa pioneira sobre a radioatividade. Ela também é responsável pela descoberta dos elementos polônio e rádio e por conseguir isolar isótopos destes elementos. Foi a primeira mulher a conquistar um prêmio Nobel e a primeira pessoa a receber duas vezes este prêmio, a primeira vez em Química, em 1903 e a segunda vez em Física, em 1911. (Spagna, 2020).

[4] Importa neste estudo esclarecer a diferença entre machismo e misoginia. O machismo e a misoginia são conceitos distintos, embora relacionados. O machismo é um sistema de crenças e atitudes que valoriza a masculinidade e a superioridade masculina, enquanto a misoginia é o ódio ou aversão às mulheres. O machismo pode existir sem a misoginia, mas a misoginia geralmente se manifesta dentro de um contexto machista.

defensor da família, da moral e dos bons costumes, que revestido de uma falsa religiosidade, tem um comportamento completamente avesso ao que profere.

Recordo que em uma de suas aulas ele agiu com escárnio para com as alunas, ao contar uma anedota de que as mulheres não iriam para o céu, pois o céu é lugar de silêncio e as mulheres falavam demais. Lembro que me senti mal com a brincadeira, mas na época eu ainda era muito jovem e não tinha a compreensão de que sua atitude era perversa e colocava eu e minhas colegas de turma, em posição de inferioridade. Este mesmo professor atribuía notas menores às alunas, era professor de redação e desqualificava os textos produzidos pelas meninas.

À revelia de seu desdém, prossegui. Me tornei a segunda pessoa da minha família a cursar uma faculdade. Segui os passos de uma tia querida, mulher forte, que teve a coragem de desbravar este universo até então desconhecido pela nossa gente, que embora simples, era honesta e trabalhadora.

Minha formação inicial foi no Curso de Pedagogia, um Curso de predominância feminina, e tive, desde a Graduação, o exemplo de colegas de turma e de professoras inspiradoras, que não se conformaram com as dificuldades de sua condição de mulher, mas que desafiaram limites, transpuseram barreiras e me deram a lição de que lugar de mulher é onde ela quiser estar.

Ingressei na Prefeitura Municipal de Fortaleza como professora, logo após a Conclusão da Graduação, experiência que compartilho até hoje com outras mulheres, que, como eu, são arrimo de família e se equilibram na difícil conciliação de suas atividades familiares e profissionais, dando exemplos de força e superação diárias.

Trabalhei muito, mas foi nos estudos que encontrei minha principal e mais forte arma de luta. Como diz uma canção famosa: “Não me entrego sem lutar, tenho ainda coração, não aprendi a me render, que caia o inimigo então.” (Legião Urbana, 1991)[5]

Dez anos foi o tempo que precisei esperar da Graduação até alcançar uma vaga no Mestrado. Neste período foram incontáveis as tentativas de ingresso na Pós-Graduação e em muitas ocasiões a necessidade de trabalhar parecia um obstáculo a me afastar do meu sonho.

[5] A música "Metal Contra as Nuvens", do grupo Legião Urbana, possui um significado multifacetado, mas centralmente trata de resistência, esperança e a luta contra adversidades, tanto pessoais quanto sociais. A letra, rica em metáforas, descreve um cavaleiro medieval enfrentando desafios, como dragões e abismos, que podem ser interpretados como as dificuldades da vida e os problemas da sociedade.

Hoje vejo que a oferta de vagas era mínima, a concorrência desleal e as experiências de insucesso me ensinaram que não existe mérito sem oportunidades.

Quando finalmente consegui a sonhada vaga de Mestrado, precisei vivenciá-lo conciliando as atividades acadêmicas e profissionais, pois na época possuía um cargo comissionado do qual não podia abdicar para me dedicar integralmente aos estudos.

No ano que concluí o Mestrado me tornei mãe e foi a partir da experiência da maternidade que redigi meu Projeto para Ingresso no Doutorado, no qual propus investigar a relação entre a docência e a maternidade.

Antes de concluir o primeiro ano do Doutorado fiquei grávida do meu segundo filho. Tive muito medo de que a condição de gestante e puérpera representasse um empecilho para a continuidade dos meus estudos, mas tive o benefício de estar inserida em um contexto de empatia e solidariedade, que serviu como um impulso para que eu não desistisse.

Reconheço que estar inserida em um contexto de pós-graduação em que uma gestação é motivo de acolhimento e não de exclusão, é a exceção e não a regra, por isso me solidarizo com as mulheres pelo Brasil afora que precisam adiar, ou mesmo abdicar dos seus estudos, por não terem uma rede de apoio que lhes possibilite prosseguir.

Ressalto que terei quatro meses de prorrogação do Doutorado, direito recentemente adquirido pelas alunas que foram mães durante o Curso, mas que cumprirei com todas as exigências relacionadas às disciplinas, elaboração da Tese e produtividade acadêmica, que são as mesmas de quem é um estudante com dedicação exclusiva.

Não culpo meus filhos pelo contexto difícil e estafante que é conciliar os estudos e o cuidado que eles demandam. Sou imensamente feliz por ser mãe e em muitas ocasiões eles são meu combustível para prosseguir, no entanto, não romantizo a maternidade e luto para que as mulheres encontrem na Universidade um espaço de reconhecimento, valorização e equidade.

*Preâmbulo ao texto 2*

Nise da Silveira[6] tem 45 anos, é graduada em Pedagogia, possui especialização em Formação de Formadores. É Mestre em Educação e Doutoranda do Programa de Pós-

[6] Nise da Silveira (1905-1999) cursou Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, aos 21 anos, e se dedicou à Psiquiatria. Ela ficou conhecida por ser contrária aos métodos de tratamento comuns na sua época, como terapias agressivas de choque, confinamento e lobotomia. Além disso, ela foi a pioneira nas pesquisas das relações emocionais entre pacientes e animais. (Spagna, 2020).

Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. É professora da Rede Pública Municipal de Fortaleza desde 2010. É solteira e não tem filhos.

*Texto 2*

Sou[7] de uma família simples, vinda de uma cidade da região metropolitana de Fortaleza. Meu pai era motorista e minha mãe Dona do Lar. Meus pais cursaram apenas o fundamental. Sou a segunda filha de quatro irmãos, e parando para pensar, fui a primeira a cursar uma faculdade, tendo em vista as famílias dos meus pais. De início, estudar não era bem-visto no seio familiar, pois, o normal seria no máximo trabalhar em um emprego com carteira assinada, ou me tornar "Dona do lar".

Desde cedo a sede pelo conhecimento me chamava atenção e me fazia seguir um caminho diferente. Sofri muitas críticas ao optar pelos estudos. Comecei a trabalhar desde cedo, ainda terminando o ensino médio, em uma indústria na qual eu me sentia infeliz e explorada. E, mesmo com dificuldades financeiras, e algum tempo sem trabalhar, eu estava sempre procurando um emprego para conseguir pagar todos os dias as minhas passagens até Fortaleza, bem como comprar meus lanches e almoços, diários.

Foram muitos os desafios até chegar ao objetivo de me tornar professora concursada, até chegar cursar uma pós-graduação a nível de doutorado. Tive que ser muito persistente e resiliente, acreditando que eu venceria, quando talvez muitos não acreditassem nessa possibilidade, pois, percebia a sociedade ainda muito machista, apesar de muitas evoluções já terem ocorrido, no sentido de emancipação das mulheres, mesmo assim, tive que enfrentar isso no seio familiar.

Hoje, cursando doutorado, os desafios ainda persistem. Sou concursada e liberada 100h para estudos acadêmicos, um direito adquirido no Estatuto do Magistério. Mesmo assim, defendo que a liberação para estudos pudesse ser integral, como no Estado[8], pois, não

[7] Optou-se pela transcrição integral do relato das estudantes, portanto os textos 2 e 3 trazem marcas pessoais da escrita destas mulheres, diferentes do estilo presente no restante do trabalho.

[8] Nise da Silveira faz referência a uma realidade difícil vivenciada pelos estudantes da Pós-Graduação que são professores da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF). Enquanto os professores que têm vínculo profissional com o Estado têm afastamento integral para estudo, os estudantes da PMF que têm 200 h de carga-horária, possuem apenas 100h de afastamento, lidando de forma concomitante com as atividades acadêmicas e profissionais e tendo que cumprir com as mesmas exigências dos estudantes que podem dedicar-se exclusivamente à Pós-Graduação.

é fácil conciliar trabalho, doutorado, lazer, família, amigos, e cuidados com a saúde e descanso.

Para que eu consiga ser produtiva, por exemplo, preciso estar com a mente descansada. E ao chegar do trabalho (sala de aula), já sinto que estou com um certo desgaste físico e mental, diariamente. Então, preciso descansar um pouco para então conseguir retomar meus estudos do Doutorado, que envolvem leituras intensas, produções de artigos, escrita da qualificação/tese, etc.

O primeiro ano de doutorado foi para mim um grande desafio, pois além de tudo eu tive um problema de saúde na coluna, com dores diárias intensas. E para isso eu tive que tomar um medicamento que me dava muito sono. Isso atrapalhou muito meu primeiro ano no Doutorado, pois, eu sentia sono o dia inteiro. Realmente foi uma luta para poder dar conta das exigências que o Doutorado requer. Mesmo assim eu continuava ali, firme, querendo de certa forma, que as pessoas não percebessem o que eu estava vivendo, pois, eu tinha que me mostrar produtiva.

Eu optaria por um afastamento total do trabalho, mas, infelizmente não há bolsas de estudos suficientes para suprir as necessidades dos estudantes da pós-graduação. E, mesmo assim, o valor não iria suprir a minha demanda financeira, pois, preciso pagar as contas.

Já no que diz respeito ao lazer e socialização com amigos e familiares por muitas vezes me peguei em alguma atividade sentindo que eu deveria estar estudando, produzindo, ou seja, sentia remorso de estar em um entretenimento com os amigos ou familiares.

Estudar doutorado me exige muita renúncia, como recusar convites para um final de semana na praia, ir jogar conversa fora com amigos e familiares, etc., mas, mesmo assim, tendo que fazer um "jogo de cintura" para não deixar que o estresse tome de conta. Para isso, tento conciliar a academia, cuidados pessoais e alguns convites aceitos.

Para mim, ser uma mulher independente, Doutoranda, na sociedade atual, exige sim muita resiliência, pois os desafios são muitos. O principal deles, diz respeito aos cuidados com nossa saúde física e psicológica, pois, temos que dar conta de sermos profissionais, estudantes exemplares, além de darmos atenção suficiente a nossos familiares que também precisam de nós e a vida social com nossos amigos. No meio disso tudo, não podemos esquecer de nós mesmos. Fazer uma atividade física, uma terapia. Nosso tempo de sono está se tornando cada dia mais restrito, pois, o ideal seria pelo menos 8h de sono diários, no entanto, com tantas

demandas a cumprir, temos que, muitas vezes, utilizar o tempo do descanso para nossas atividades.

Parece que não temos tempo de viver o tempo presente, ver um pôr do sol, observar a natureza, enfim, perceber as coisas bonitas da vida que nos cercam a todo momento. Que tenhamos sabedoria de conseguirmos conciliar tantas atribuições! E termino com aquela frase que dizia assim: Queriam que ela fosse do lar, mas era do ler. Com essa liberdade, ela era de onde quisesse ser.

*Apreciação do texto 2*

Nise da Silveira compartilha que cresceu em um cenário machista e que pouco valorizava o estudo, o que pode ser evidenciado quando a estudante diz que o normal para sua família seria no máximo trabalhar em um emprego com carteira assinada ou se tornar "Dona do lar".

O cenário apresentado por Nise é semelhante ao das mulheres retratadas no Documentário "Vida Maria", um curta-metragem em 3D, lançado no ano de 2006, produzido, escrito e dirigido pelo animador gráfico Márcio Ramos, que recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, entre eles o 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo. (Ramos, 2006).

A história narrada neste documentário reproduz, de modo fiel, a realidade de gerações e gerações de mulheres do sertão nordestino, que renunciam ao estudo quando se casam e tornam-se mães, a quem a formação era sempre relegada ao último plano, pois, casar-se já era suficiente para cumprir com os ideais estabelecidos pela sociedade e cultura de nossos antepassados.

Destacamos a coragem de Nise ao romper com este ciclo, pois vê-se que ela priorizou os estudos, mesmo não encontrando, com esta atitude, a plena validação de sua família.

Outro aspecto, notável pelo seu registro, é a compreensão do estudo como um elemento possibilitador de ascensão social, pois foi por meio da formação que ela conseguiu alcançar um concurso público e a autonomia financeira.

O relato de Nise também possibilita a reflexão acerca dos desafios que as mulheres enfrentam na conciliação das atividades acadêmicas e profissionais, dificuldades que não são exclusivamente femininas, mas que são maiores para as mulheres, pois, a estas, mesmo quando não têm filhos, é culturalmente atribuído o papel social de cuidado familiar.

Nise também destaca o frágil equilíbrio entre a saúde física e mental e a Pós-Graduação, personificando os estudos de (Bocardi, 2020; Ferro, 2024 E Peixoto et al, 2025) que fazem referência à academia como um espaço propício à sobrecarga e ao adoecimento.

Por fim, destaca-se o apelo feito pela estudante, de que as mulheres possam voltar-se para si mesmas, priorizando suas horas de sono, necessárias à manutenção de sua saúde física e produtividade e, que também possam dedicar-se ao lazer, atividade essencial para qualquer ser humano, especialmente para aqueles que se dedicam por horas a fio à produção intelectual e acadêmica.

*Preâmbulo ao Texto 3*

Johanna Döbereiner[9] tem 38 anos, é graduada em Pedagogia, possui especialização em Ensino de Alfabetização e Letramento. É Mestre em Educação e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. No momento a estudante não exerce atividade profissional remunerada, mas é bolsista CAPES. É casada e tem dois filhos, um menino de doze anos e uma bebê de um ano e sete meses.

*Texto 3*

Meu nome é *Johanna Döbereiner*[10]. Sou mulher, mãe, esposa, educadora, dona de casa e, atualmente, estudante de Doutorado Acadêmico. Dizer isso em voz alta é, para mim, ao mesmo tempo um gesto de afirmação e resistência. É reconhecer que, apesar das barreiras impostas por uma sociedade ainda marcada por desigualdades de gênero, tenho trilhado um caminho que me orgulha, ainda que seja repleto de desafios.

Ao ingressar no doutorado, senti a alegria e a responsabilidade de ocupar um espaço que, historicamente, foi negado a tantas mulheres. Segundo dados da CAPES, hoje representamos a maioria nos cursos de pós-graduação Stricto Sensu. Mas, apesar dos números, o que se vive na prática está longe de refletir uma equidade real. Nós, mulheres, não apenas estudamos — também educamos filhos, cuidamos da casa, damos conta de tarefas invisíveis, afetivas e cotidianas que muitas vezes não são percebidas nem valorizadas.

Conciliar tantas funções tem sido, sem dúvida, o maior dos meus desafios. A rotina começa cedo, entre preparar o café da manhã, organizar a casa, atender às demandas da

[9] Johanna Döbereiner (1924-2000), indicada ao Nobel de Química em 1997, realizou uma série de pesquisas sobre fixação biológica do nitrogênio em leguminosas tropicais. Seu trabalho teve contribuição fundamental no Programa Brasileiro de melhoramento da soja, em 1964, revolucionando a agricultura do Brasil. (Spagna, 2020)
[10] Nome substituído para preservar a identidade da estudante.

escola, do trabalho, da maternidade e do relacionamento afetivo. Só depois disso, consigo me debruçar sobre os textos, a escrita, a produção intelectual exigida pela pesquisa. Há dias em que tudo parece impossível; em outros, sinto que estou vencendo. O equilíbrio é frágil e constantemente testado.

O espaço acadêmico, embora se pretenda neutro e meritocrático, ainda carrega marcas profundas de um modelo masculino e elitista. É um lugar que muitas vezes não considera as subjetividades de quem o habita — especialmente de nós, mulheres que não estamos ali apenas como alunas, mas como sujeitas sociais múltiplas, com realidades que ultrapassam os muros da universidade. Falta acolhimento, escuta e políticas institucionais que reconheçam as especificidades da maternidade, por exemplo. Não é raro participar de reuniões e aulas com um filho doente ao lado, ou ter que interromper leituras para resolver demandas domésticas. O tempo, nosso recurso mais precioso, é constantemente dividido, fragmentado, disputado.

Ser mulher na pós-graduação é lidar com expectativas e cobranças exacerbadas. Somos constantemente questionadas: "Como você dá conta de tudo?" — como se fosse possível dar conta de tudo, o tempo todo. Há uma cobrança para sermos excelentes acadêmicas, profissionais competentes, mães presentes, esposas cuidadosas e donas de casa organizadas. É um ideal inalcançável que só gera culpa e sobrecarga. E, ainda assim, seguimos. Mas também é preciso dizer que estar no doutorado é um ato de esperança. É investir no meu crescimento pessoal e profissional, é acreditar que posso contribuir com a produção de conhecimento crítico e com a transformação da sociedade. A educação sempre foi, para mim, um instrumento de mudança, e é com esse espírito que encaro cada desafio. Quero que minha trajetória sirva de exemplo para outras mulheres que também sonham em ocupar esse espaço.

Tenho aprendido que a rede de apoio é fundamental — seja ela composta por familiares, colegas ou orientadores sensíveis à realidade de mulheres pesquisadoras. É por meio dessa rede que consigo continuar. Também percebo o valor da sororidade, da troca entre mulheres que compartilham experiências semelhantes e que se fortalecem mutuamente. Não estamos sozinhas, embora, muitas vezes, sejamos levadas a acreditar que sim.

A luta por uma academia mais inclusiva e humana passa pelo reconhecimento das múltiplas identidades e papéis que exercemos. É necessário que as instituições de ensino

pensem em políticas de permanência, flexibilização de prazos e acolhimento às demandas específicas das mulheres — especialmente aquelas que são mães, trabalhadoras e provedoras de suas famílias.

Finalizo esta reflexão com a certeza de que ser mulher e doutoranda é resistir todos os dias. É não abrir mão dos sonhos, mesmo diante das dificuldades. É transformar cansaço em potência, invisibilidade em protagonismo, silêncio em voz. E é, sobretudo, afirmar que o conhecimento precisa ser produzido também a partir de nossas vivências, dores, conquistas e saberes.

*Apreciação do texto 3*

Johanna inicia seu texto relatando as inúmeras atividades que precisa realizar em um único dia, antes das atividades acadêmicas. Seu relato traz as marcas da solidão, comum a muitas mulheres, que naturalizam a sobrecarga e que, quando casadas, não questionam o papel assumido pelos seus companheiros, desigual em relação à quantidade de tarefas a cumprir.

Com isso traz-se a reflexão de que se antes as mulheres assumiam mais atribuições domésticas porque passavam mais tempo em casa, hoje, este cenário mudou. Muitas mulheres também trabalham fora e compartilham com os companheiros as despesas familiares, portanto, os afazeres de casa deveriam ser igualmente compartilhados.

Johanna fala sobre o “dar conta”, expressão que se tornou praticamente um jargão do vocabulário feminino. A necessidade de “dar conta” tornou-se uma exigência descomunal, mas será mesmo possível “dar conta” de casa, família, filhos, estudos, carreira, com saúde física e psíquica?

Ao dizer que é necessário que as instituições de ensino pensem em políticas de permanência, flexibilização de prazos e acolhimento às demandas específicas das mulheres, Johanna evidencia que embora as mulheres tenham uma sobrecarga consideravelmente superior à dos homens, as exigências impostas às mulheres são como se não houvesse diferença de gênero.

A estudante destaca que nós mulheres somos sujeitos múltiplos, a exemplo da reflexão apontada por Nóvoa (1997). O autor explica, referindo-se aos professores, que a maneira de ser e de ensinar estão inter-relacionadas e com isso explica que é impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

A constatação deste autor cabe não somente ao contexto docente, mas aplica-se a qualquer outra realidade, pois leva à reflexão do quanto somos sujeitos múltiplos e indivisos, que os desafios que enfrentamos no contexto acadêmico e profissional são levados para nossas casas ao final do expediente, da mesma forma que os desafios familiares também aparecem em nossos contextos de trabalho e estudo.

A fala apresentada por Johanna de que falta acolhimento, escuta e políticas institucionais que reconheçam as especificidades da maternidade são uma denúncia do quanto a Universidade ainda está distante de ser um espaço de equidade, também leva a considerar o quanto a promoção das políticas de cotas destinadas às mulheres, por exemplo, e as ações de incentivo à sua permanência na Pós-Graduação são justas, necessárias e urgentes.

*Considerações finais*

As reflexões apresentadas nos textos demarcam que a realidade das mulheres que conciliam as atividades domésticas, profissionais e acadêmicas é dura e, muitas vezes, invisibilizada.

O espaço que as mulheres ocupam hoje na Pós-Graduação Stricto Senso, questionado no título deste artigo, não foi alcançado sem esforço pelas mulheres que nos antecederam, muito menos é alcançado sem esforço nos tempos atuais, em que a exigências impostas às mulheres parecem infindas.

Embora não seja negado a inscrição de mulheres nas seleções de Pós-Graduação Stricto Sensu, as condições para o ingresso e permanência na Pós-Graduação não são as mesmas para homens e mulheres, pois a estas a carga da multiplicidade de papéis é um fardo difícil de carregar.

As mulheres aqui retratadas relataram terem vivenciado um cenário machista, expresso pela cultura do próprio lar, ou no contexto de sua formação inicial e/ou superior. Seus escritos evidenciam que a crença da superioridade masculina é um aspecto ainda presente atualmente, embora as mulheres tenham dado provas de sua capacidade e competência para ocupar os diferentes espaços sociais.

Um aspecto comum ao relato apresentado pelas estudantes que contribuíram com este estudo refere-se ao fato de que elas encaram os estudos como um ato de resistência, um

instrumento de superação do contexto adverso que viveram durante a infância e dos desafios atualmente enfrentados.

A sobrecarga das atividades desempenhadas diariamente, o pouco tempo para cuidado com a saúde física e psicológica e para que possam dedicar-se a atividades de lazer, o que seria indispensável para seu bem-estar e produtividade, também são aspectos comuns aos relatos apresentados.

As estudantes que são mães destacaram o exemplo de outras mulheres como referências importantes para que elas encontrassem forças em sua própria trajetória. Estas também ressaltaram a importância de se ter uma rede de apoio, de ter com quem dividir as responsabilidades e que a conciliação dos estudos com a maternidade requer apoio, sororidade e políticas de amparo às estudantes-mães.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEUFMA. UFMA anuncia novas bolsas de mestrado e doutorado com foco em ações afirmativas e permanência de mulheres em vulnerabilidade na pós-graduação. Disponível em: https://portalpadrao.ufma.br/ageufma/noticias/noticias-gerais/ufma-anuncia-novas-bolsas-de-mestrado-e-doutorado-com-foco-em-acoes-afirmativas-e-permanencia-de-mulheres-em-vulnerabilidade-na-pos-graduacao. Acesso em: 12 ago. 2025.

BOCARDI, M. B. *Caracterização do adoecimento psíquico na pós-graduação brasileira*: dos dados à teoria. 2020. 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

FERRO, E. G. Reflexões acerca do adoecimento na pós-graduação na sociedade do desempenho. *VII Congresso Nacional de Educação* (CONEDU). Evento On-Line, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA_ID2153_01122021110153.pdf> ACESSO EM 11 AGOSTO 2025.

GARCIA, C. M. *Formação de professores para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.Portugal: Porto Ed., 1999.

JORNAL DA UNESP, SÃO PAULO, 03 MARÇO 2023. Por que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência nas universidades? Disponível em: < https://jornal.unesp.br/2023/03/03/por-que-as-mulheres-sao-maioria-na-pos-graduacao-mas-ocupam-menos-da-metade-dos-cargos-de-docencia-nas-universidades/> Acesso em: 11 ago. 2025.

LEGIÃO URBANA. Metal Contra as Nuvens. In: *V*. Brasil, 1991.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, BRASÍLIA, 11 OUTUBRO 2024. Desafios e conquistas das mulheres na pós-graduação. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/desafios-e-conquistas-das-mulheres-na-pos-graduacao . Acesso em: 11 ago. 2025.

PEIXOTO, M. T.; MESQUITA SOARES, T. C. .; FIRMINO BEZERRA, S. T. . A produção acadêmica suscita adoecimento? Revisão sistemática integrativa sobre a saúde discente na Pós-Graduação stricto sensu. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, [S. l.], v. 18, n. 39, p. 1–17, 2022. DOI:

10.21713/rbpg.v18i39.1840. Disponível em: https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1840 . Acesso em: 11 ago. 2025.

NÓVOA, Antônio (Coord.). *Os Professores e sua Formação*. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote – Instituto de Inovação Educacional, 1997.

SILVA, C.V.S; SILVA, E.S. Políticas de Inclusão de mulheres na Pós-Graduação. Nexo: Políticas públicas. Disponível em: https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2024/04/09/politicas-de-inclusao-de-mulheres-na-pos-graduacao . Acesso em: 14 ago. 2025.

RAMOS, M. *Documentário Vida Maria*, 2006. Disponível em: https://www.google.com/search?q=document%C3%A1rio+vida+maria&oq=document%C3%A1rio+vida+maria&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCggAEAAY4wIYgAQyCggAEAAY4wIYgAQyBwgBEC4YgAQyCggCEAAYogQYiQUyCggDEAAYgAQYogTSAQgzMjYwajBqOagCALACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8#fpstate=ive&vld=cid:bcecd66c,vid:yFpoG_htum4,st:0 Acesso em: 14 ago. 2025.

SOIHET, Raquel. Mulheres e Biografia. Significados para a História. *Lócus,* Revista de História. Juiz de Fora, v. 9, n. 1, 2003, p. 33-48.

SPAGNA, J.D. 6 mulheres que revolucionaram a ciência: Elas fizeram experiências e descobertas que mudaram o rumo de suas áreas de atuação. Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/6-mulheres-que-revolucionaram-a-ciencia/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_ge_audiencia_institucional&gad_source=1&gad_campaignid=18667946574&gbraid=0AAAAApAdqmZT_ggjOUSbnLrK9LfEo2hfz&gclid=Cj0KCQjwzOvEBhDVARIsADHfJJSvI4paJMieC0gS3Y4YNnVp8dhN6Jt_nyGKSFe0VhBtqfkUksdBwyoaAiwpEALw_wcB. Acesso em: 11 ago. 2025.